

A PERDA AUDITIVA E SEUS IMPACTOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Autores: Maria Eduarda Henrique Rangel ¹, Carla Gonçalves Colombini ² e Luana Souto ³

^{1,2} Acadêmica de Fonoaudiologia. Universidade Afya, Itaperuna, Brasil. ³ Docente de Fonoaudiologia. Universidade Afya, Itaperuna, Brasil.

Correspondência: emaildadudafono@gmail.com

RESUMO

Esta liga acadêmica procura, através da colaboração dos estudantes do curso de fonoaudiologia, como também da exposição das metodologias empregadas no projeto a respeito da perda auditiva e seu impacto gerado nas relações sociais, apresentando assim, empecilhos gerados a partir desse viés. De forma mais específica, constitui-se em estudar os possíveis obstáculos da perda auditiva e quando essa condição pode ser genética, hereditária ou causada por agentes externos ao longo da vida de cada indivíduo. Para isso, este artigo foi realizado para fins informativos e aprimoramento dos saberes relacionados à audição. Tem como fonte de estudos, o recolhimento de informações retiradas de revistas e livros de cunho investigativo e educacional.

Palavras-chave: Audição; Relações sociais; Sistema Auditivo.

INTRODUÇÃO

A audição é um dos principais canais pelos quais o ser humano constrói vínculos, participa da vida em comunidade e desenvolve a linguagem oral. É por meio dela que se torna possível acompanhar conversas em grupo, perceber nuances emocionais na fala do outro, responder alertas de perigo e integrar-se plenamente ao ambiente social inserido. Quando esse sentido é comprometido, o indivíduo passa a enfrentar barreiras de comunicação que, se não identificadas e tratadas, tendem a se agravar ao longo do tempo e a repercutir diretamente sobre sua qualidade de vida.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 1,5 bilhão de pessoas convivem atualmente com algum grau de perda auditiva no mundo, e a projeção é de que, até 2050, quase 2,5 bilhões de pessoas, ou seja, uma em cada quatro, apresentem algum tipo de perda auditiva, das quais pelo menos 700 milhões necessitarão de serviços de reabilitação ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE¹, 2021. No Brasil, dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam que 2,3 milhões de brasileiros com dois anos ou mais de idade declararam muita dificuldade para ouvir ou incapacidade total de ouvir, o equivalente a 1,1% da população nacional INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA², 2021. Um

levantamento anterior, conduzido pelo Instituto Locomotiva em parceria com a Semana da Acessibilidade Surda, já apontava a existência de 10,7 milhões de brasileiros com algum grau de deficiência auditiva, dos quais 91% adquiriram a condição ao longo da vida e apenas 9% nasceram com ela MEDICINA³, 2022.

1. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho, consiste em analisar os possíveis impasses da ausência da audição e como essa questão detém impacto significativo nas relações sociais. Por meio dele, será realizada a leitura de materiais científicos que abordem de que forma a perda auditiva impacta as relações sociais dos indivíduos acometidos, considerando suas diferentes etiologias e faixas etárias.

Temos por objetivos específicos: descrever a epidemiologia da perda auditiva no cenário mundial e brasileiro; Identificar as principais causas genéticas e hereditárias adquiridas na perda auditiva; Discutir os mecanismos pelos quais a perda auditiva compromete a comunicação e consequentemente, a interação social; Apontar estratégias para minimizar esses impactos.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e exploratório, desenvolvido por acadêmicos de Fonoaudiologia. A busca de referências foi realizada em bases de dados científicas de acesso público (SciELO, dados oficiais do IBGE e relatórios da OMS/OPAS), além de revistas e materiais de divulgação científica de cunho educacional, sem delimitação rígida de período de publicação, priorizando-se, sempre que possível, dados oficiais e estudos recentes sobre o tema. Os descritores utilizados incluíram: perda auditiva, relações sociais, isolamento social, deficiência auditiva e reabilitação auditiva.

4.1 EPIDEMIOLOGIA DA PERDA AUDITIVA

Dados evidenciam que a perda auditiva não é uma condição rara ou marginal, mas um problema de saúde pública em expansão. De acordo com a OPAS/OMS⁴ 2021, a perda auditiva não tratada pode comprometer de forma devastadora a capacidade de comunicação, os estudos, a inserção no mercado de trabalho e a saúde mental dos indivíduos, além de afetar sua capacidade de manter relacionamentos. No Brasil, o levantamento do Instituto Locomotiva (2019) mostrou que a condição atinge mais homens (54%) do que mulheres (46%) e que a maior parte das pessoas afetadas (57%) tem 60 anos ou mais, o que reforça a relação entre

envelhecimento e perda auditiva MEDICINA⁵, 2022. Ainda segundo esse levantamento, dois em cada três brasileiros com perda auditiva não tratada relataram dificuldades nas atividades do dia a dia.

Os dados da PNS 2019 IBGE², 2021 complementam esse panorama ao mostrar que, entre as pessoas com deficiência em idade de trabalhar, apenas 28,3% estavam inseridas na força de trabalho, contra 66,3% da população sem deficiência, uma disparidade que, no caso da deficiência auditiva, também se manifesta em menor escolaridade e menor participação em atividades formativas.

4.2 ETIOLOGIA: CAUSAS GENÉTICAS, HEREDITÁRIAS E ADQUIRIDAS

A perda auditiva pode ter origem genética, congênita ou adquirida, sendo os agentes infecciosos os fatores etiológicos mais comuns entre as perdas congênitas e adquiridas VIEIRA; MANCINI; GONÇALVES⁶, 2010. Nos países desenvolvidos observa-se predomínio das causas genéticas, enquanto nos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos prevalecem as causas adquiridas, geralmente associadas a infecções, exposição a ruído e falta de acesso a cuidados perinatais adequados.

No que se refere às causas genéticas e hereditárias, estima-se que, no Brasil, quatro em cada 1.000 crianças nasçam com perda auditiva de origem hereditária, decorrente de mutações em genes relacionados ao processo auditivo, motivo pelo qual o exame da triagem auditiva neonatal, popularmente conhecido como "teste da orelhinha", é indicado até o primeiro mês de vida UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO⁷. A perda auditiva hereditária pode ser síndrome, quando associada a outras alterações clínicas, ou não sindrômica, quando se manifesta isoladamente.

Já entre as causas adquiridas, destacam-se as infecções congênitas do complexo TORCH (toxoplasmose, rubéola, sífilis, citomegalovírus e herpes), responsáveis por surdez congênitas, além da meningite bacteriana na infância, que pode evoluir para surdez profunda. Segundo Vieira, Mancini e Gonçalves⁶ 2010, as doenças infecciosas respondem por mais de 25% das perdas auditivas profundas diagnosticadas na população geral. Somam-se a esses fatores a perda auditiva induzida por ruído (PAIR), decorrente da exposição prolongada a sons intensos, comum entre trabalhadores de ambientes industriais e agrícolas, além de usuários de fones de ouvido em volume elevado, o uso de medicamentos ototóxicos e traumas físicos. A OMS estima que quase 60% das perdas auditivas na infância decorrem de causas evitáveis por

meio de estratégias de saúde pública, o que reforça o papel da prevenção e do diagnóstico precoce HOSPITAL PAULISTA⁸, 2024.

4.3 DA DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO AO AFASTAMENTO SOCIAL

O impacto da perda auditiva nas relações sociais não decorre apenas da limitação física de ouvir, mas de um processo que se inicia na dificuldade de comunicação. Quando o indivíduo passa a exigir esforço cognitivo contínuo para compreender falas e sons do ambiente, surge um quadro de fadiga mental que compromete a atenção e a participação ativa em conversas, especialmente em ambientes ruidosos ou com múltiplos interlocutores. Esse esforço excessivo, mantido ao longo do tempo, tende a gerar frustração tanto para quem tem a perda auditiva quanto para as pessoas ao seu redor, favorecendo o afastamento progressivo das interações sociais.

Pessoas com perda auditiva possuem uma tendência maior de desenvolverem problemas ao serem colocadas em situações que exijam interação social, quando comparadas a pessoas sem perda auditiva. Fazendo com que esse problema avance para possíveis quadros de ansiedade e depressão. Em crianças, a perda auditiva pode dificultar o desenvolvimento da linguagem e comprometer o desempenho acadêmico e a autoestima; em adultos, pode limitar a participação em cursos e oportunidades de qualificação profissional, com reflexos diretos na carreira.

4.4. PERDA AUDITIVA ISOLAMENTO SOCIAL E SAÚDE DA PESSOA IDOSA

O impacto social da perda auditiva se intensifica de forma particular na população idosa. Gusmão, Lima e Mendes⁹ 2019, em revisão sobre os impactos biopsicossociais da perda auditiva em idosos, destacam que essa condição apresenta alta prevalência nessa faixa etária, associada a determinantes ambientais, genéticos e sociais acumulados ao longo da vida, repercutindo negativamente sobre a saúde mental e favorecendo o isolamento social e o surgimento de sintomas depressivos.

Esse isolamento, por sua vez, tem sido associado ao aumento do risco de declínio cognitivo e de demência precoce, uma vez que a redução dos estímulos auditivos parece contribuir para a diminuição da atividade cerebral relacionada à linguagem e à memória HOSPITAL PAULISTA⁸, 2024. A perda auditiva não tratada em idosos costuma se acompanhar de vergonha em frequentar ambientes sociais, redução das interações familiares e afetivas e menor engajamento em atividades comunitárias um ciclo que tende a se

retroalimentar, já que o próprio isolamento reduz ainda mais as oportunidades de estimulação auditiva e cognitiva.

4.5. QUALIDADE DE VIDA, RELAÇÕES SOCIAIS E REABILITAÇÃO AUDITIVA

Instrumentos como o WHOQOL-bref, desenvolvido pela OMS para avaliação da qualidade de vida, incluem entre seus domínios justamente as relações sociais, o que demonstra o reconhecimento, pela própria comunidade científica, de que a saúde auditiva é indissociável da vida em sociedade VIEIRA et al¹⁰, 2023. Em revisão de escopo sobre o impacto da protetização auditiva na qualidade de vida de adultos com deficiência auditiva, Vieira e colaboradores (2023) verificaram, a partir da análise de estudos com participantes de 18 a 92 anos, usuários de aparelhos de amplificação sonora individual (AASI) e de implante coclear, benefícios consistentes da reabilitação auditiva sobre a percepção de qualidade de vida, incluindo os domínios psicológico e social.

Esses achados reforçam que a perda auditiva, embora frequentemente irreversível do ponto de vista biológico, não precisa necessariamente resultar em prejuízo social permanente. A reabilitação por meio de tecnologias e cirurgias como implantes cocleares, associada a terapia fonoaudiológica, tornam possível que a inclusão seja estabelecida e não gere impactos significativos na vida de cada indivíduo.

5. DISCUSSÃO

A análise conjunta dos dados epidemiológicos e da literatura sobre etiologia e impactos sociais da perda auditiva permite compreender que se trata de uma condição multifatorial. Observa-se, ainda, que o impacto social da perda auditiva não é uniforme: crianças, adultos em idade produtiva e idosos vivenciam consequências distintas, relacionadas respectivamente ao desenvolvimento de linguagem e desempenho escolar, à inserção no mercado de trabalho e à manutenção de vínculos afetivos e prevenção do declínio cognitivo. Essa diversidade de desfechos reforça a necessidade de que a atuação fonoaudiológica considere o contexto de vida de cada indivíduo, e não apenas o grau audiométrico da perda auditiva, ao planejar intervenções de reabilitação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perda auditiva configura-se como uma condição de saúde de crescente relevância, cujos impactos ultrapassam a limitação sensorial e alcançam diretamente a vida em sociedade.

A dificuldade de comunicação decorrente da perda auditiva não tratada favorece o isolamento social, o aumento de sintomas depressivos e ansiosos e, especialmente entre idosos, o risco de declínio cognitivo. Ao mesmo tempo, a literatura demonstra que a reabilitação auditiva, por meio de tecnologias assistivas e acompanhamento fonoaudiológico, é capaz de restaurar a qualidade das relações sociais dos indivíduos acometidos.

Conclui-se, portanto, que o enfrentamento da perda auditiva demanda ações integradas de prevenção, diagnóstico precoce, especialmente por meio da triagem auditiva neonatal, e ampliação do acesso a dispositivos de reabilitação e linguagens de comunicação. Espera-se que este trabalho, produzido no âmbito de uma liga acadêmica de fonoaudiologia, contribua para a conscientização sobre a importância da saúde auditiva ao longo de toda a vida e estimule novos estudos voltados à realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS/OMS). **OMS estima que 1 em cada 4 pessoas terão problemas auditivos até 2050.** 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNS 2019: país tem 17,3 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

MEDICINA S/A. **OMS lança apelo global por cuidados com a saúde auditiva.**

VIEIRA, A. B. C.; MANCINI, P.; GONÇALVES, D. U. **Doenças infecciosas e perda auditiva.** Revista Médica de Minas Gerais, v. 20, n. 1, p. 102-106, 2010.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Biociências. **Perda auditiva genética.** [s.d.].

HOSPITAL PAULISTA. **Perda auditiva: um problema que deve alcançar 900 milhões de pessoas até 2050.** 2024.

MEDICINA S/A. **OMS lança apelo global por cuidados com a saúde auditiva.**

VIEIRA, E. S. S.; MONTEIRO, M. C.; RIBEIRO CÉSAR, C. P. H. A.; ROSA, B. C. S. **Impacto da protetização auditiva na qualidade de vida do adulto com deficiência auditiva: revisão de escopo.** Audiology-Communication Research, v. 28, e2804, 2023.